

# CASAMENTO: compromisso a longo prazo



*Welci Nascimento*



Welci Nascimento

**CASAMENTO:**  
compromisso a longo prazo



Passo Fundo  
2012



Welci Nascimento

**CASAMENTO:**  
compromisso a longo prazo

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2012

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [zanette@zanette.com.br](mailto:zanette@zanette.com.br)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Casamento, -Passo Fundo: Ed Bertier, 1993. 64p.; il.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença [\*\*Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3.0 Nao Adaptada.\*\*](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 30/07/2012

Capa: Cilene Maria Corazza

N244c Nascimento, Welci

Casamento [recurso eletrônico] : compromisso a longo prazo / Welci Nascimento. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2012.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-60-8

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Casamento. 2. Casamento – Relações com a família. 3. Família – Conflitos. I. Título.

CDU: 392.5

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## Sumário

CASAMENTO: compromisso a longo prazo.....	9
Duas palavras .....	13
O mundo inquietante e a família.....	15
A pornografia nos costumes .....	24
Casamento: assunto superado? .....	27
A difícil missão de ser família .....	30
Precisamos nos inter-relacionar .....	33
Mãe solteira: por quê? .....	38
Os conflitos matrimoniais.....	40
O sofrimento da separação .....	43
O matrimônio exige convivência.....	45
A sexualidade no casamento.....	48
Planejar a família, desejando os filhos .....	50
A difícil educação dos filhos .....	54
Oração do pai contemporâneo .....	60
Família educadora na fé .....	62
É difícil ser fiel no casamento? .....	64
Lugar onde se vive o amor .....	68

## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento



## **CASAMENTO: compromisso a longo prazo**

Sempre gostamos de ler e sempre de novo acabamos apreciando os escritos do professor WELCI NASCIMENTO.

Num estilo fluente e numa linguagem familiar, o professor Welci consegue abordar temas vitais da maior importância e urgência, fruto de uma longa experiência de quarenta anos de atividades pastorais e de uma vivência matrimonial muito intensa e em tudo transparente.

Nos seus escritos, voltados sempre para questões referentes à família e à vida matrimonial, transparece a figura lucida e firme do pai, do esposo, do mestre, do conselheiro e do militante. Welci Nascimento sempre entendeu e sempre assumiu a fé como testemunho e compromisso efetivo com o Reino de Deus. Como um jardineiro que, na expressão de Rubem Alves, concebe o jardim como um sonho e um projeto antes de realiza-lo. Welci sempre debateu pela família e pela harmonia conjugal, teimosamente acreditando que a família é a célula de qualquer sociedade, por nela estarem as raízes fundamentais e mais profundas de cada homem e de cada mulher. De ontem... de hoje e de amanhã.

O presente volume, abordando temas do dia-a-dia do universo familiar e da pastoral matrimonial, com certeza servirá de leitura, de inspiração e de subsídio valioso para todos os que entendem o sagrado matrimônio como uma graça vinda do alto e o vivem como uma experiência inefável de amor de Deus, segundo a intuição do “ Cântico dos Cânticos” (Ct 8,6).

Passo Fundo, agosto de 1993.

## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento

### **À minha esposa CLAIR**

“Hoje, como nunca, surge a necessidade de que a relação de amor que une o homem-mulher, seja consciente, madura, fiel e comprometida”.

(M.F.C – Seu Ser, Sua Vida, Sua Ação)

“A fonte de vida é a família, ameaçada, constantemente, pelos ventos dos tempos novos”.

(Charbonneau)



## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento

## Duas palavras

A família é um grupo humano condicionado por culturas, civilizações e épocas. As formas, os estilos de família, vêm evoluindo e procurando adaptar-se às mudanças da sociedade, na qual está inserida.

A família patriarcal, por exemplo, parece que não fazia do amor a sua base. Em geral, marido e mulher se casavam e se mantinham unidos para satisfazer interesses. O amor era mais um tipo de amor “cavalheiresco”. Com o decorrer dos tempos, o inter-relacionamento de amor passou a assumir uma função primordial no núcleo familiar.

No mundo de hoje, as mudanças se processam de modo rápido e profundo. Vivemos num processo de evolução cultural e tecnológica. Essa evolução, como não poderia deixar de ser, atinge a família exigindo dela uma autoanálise, uma autocrítica e, por consequência, uma reestruturação, como resposta às novas situações e às novas exigências.

Nesse mundo moderno em que vive a família, em contraste com o atraso de certas regiões, convivendo lado a lado com a pobreza e a riqueza, muitas famílias entram em crise e se desfazem, seja por carências materiais, seja por carências afetivas.

Um dos grandes desafios que se apresentam às famílias de hoje é conceituar e bem viver o amor conjugal, descobrindo suas legítimas exigências no matrimônio e na dinâmica familiar, cultivando valores como a fidelidade, a fecundidade, o amor, o diálogo, a participação, o respeito... valores esses permanentes, que motivam o inter-relacionamento conjugal e familiar, em qualquer época.

Aproveitando a experiência matrimonial e familiar de quase quarenta anos e a militância na pastoral familiar por duas décadas na Diocese de Passo Fundo, é que nos arriscamos a escrever “CASAMENTO: compromisso a longo prazo”.

O autor.



## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento

## O mundo inquietante e a família

As grandes e médias cidades vêm apresentando uma sociedade em movimento. Sofrem mudanças rápidas e profundas.

Essas transformações são evidente na acentuada expansão demográfica da zona rural para as pequenas cidades e, destas, para os grandes centros, onde podem gerar trabalho.

O fenômeno, segundo os peritos, não somente repercute em todos os setores da vida, como alarma os governos municipais e as instituições que não podem acolher em seu seio os novos habitantes. “Quarenta milhões de pessoas, no Brasil, vivem mal”, dizem as estatísticas.

O urbanismo desorganizado vem criando ao redor das cidades verdadeiros cinturões de população heterogênea, por formação e por grau de cultura, trazendo, também, aos novos habitantes, gravíssimos problemas sociais entre os quais uma perniciosa promiscuidade de vida familiar, devido à falta de moradia, escolas, saneamento básico, entre outros bens.

Essa população, geralmente quase toda analfabeta, não consegue alcançar os benefícios da cultura. Pais e filhos se criam sem saber ler e escrever, sem saber o que é progresso e desenvolvimento humano e, por conseguinte, incapazes de colaborar com ele.

Não se pode desconhecer, nem deixar de denunciar, que a maior parte das famílias brasileiras vive em condições de miséria, condenada à luta diária e sem tréguas pela simples sobrevivência biológica, convivendo com a subnutrição, a doença, vivendo em condições subumanas de habitação e trabalho, condenada a migrações forçadas que a desagregam fazendo perder suas origens.

Grande parte da família brasileira não consegue educar seus filhos numa boa escola, ter acesso à saúde, ter água potável para beber.



Essa maioria de brasileiros vive em condições precárias, faltando um mínimo de intercâmbio de experiências familiares que contribuem para o desenvolvimento e equilíbrio da personalização.

Vemos, no Brasil, muitas famílias incompletas, seja pela falta de pai ou de mãe, por morte, migrações forçadas ou abandono de lar, seja por falta do vínculo afetivo.

Por outro lado, há lugares e famílias de muita abundância material, onde não se verifica aquelas carências que predominam na maioria das famílias brasileiras, no entanto, desenvolvem-se mecanismo que retardam ou impedem o desenvolvimento da consciência, onde aparecem o uso abusivo do álcool, o dos tóxicos, da prática sexual sem integridade, o tédio, o desespero, a violência...

Não obstante tantas dificuldades que frequentam a maioria das famílias, suas funções essenciais são quase sempre exercidas, ainda que de modo imperfeito, muitas vezes nem mesmo percebidos os seus defeitos, isto porque a Graça atua nas relações familiares.

Não há quem não sinta inquietude no mundo de hoje.

São angústias, neuroses, instabilidades emocionais, inseguranças. Vivemos num mundo em constantes mudanças. Tudo se transforma de modo muito rápido: os meios de comunicação social, a linguagem, a máquina, a eletrônica, a ciência, tudo ficou mais próximo de nós. A moderna tecnologia se encarrega de realizar essa transformação.

No entanto, a par de toda essa moderna tecnologia, vivemos inseguros.

A fome de grandes massas da humanidade, em contraste com a riqueza na mão de poucos. A falta de terra para quem deseja plantar e morar, em contraste com o excesso na mão de poucos. Os conflitos sociais, a violência nos grandes centros urbanos... Tudo isso nos causa medo.







Figura 1 - Manchetes de jornal

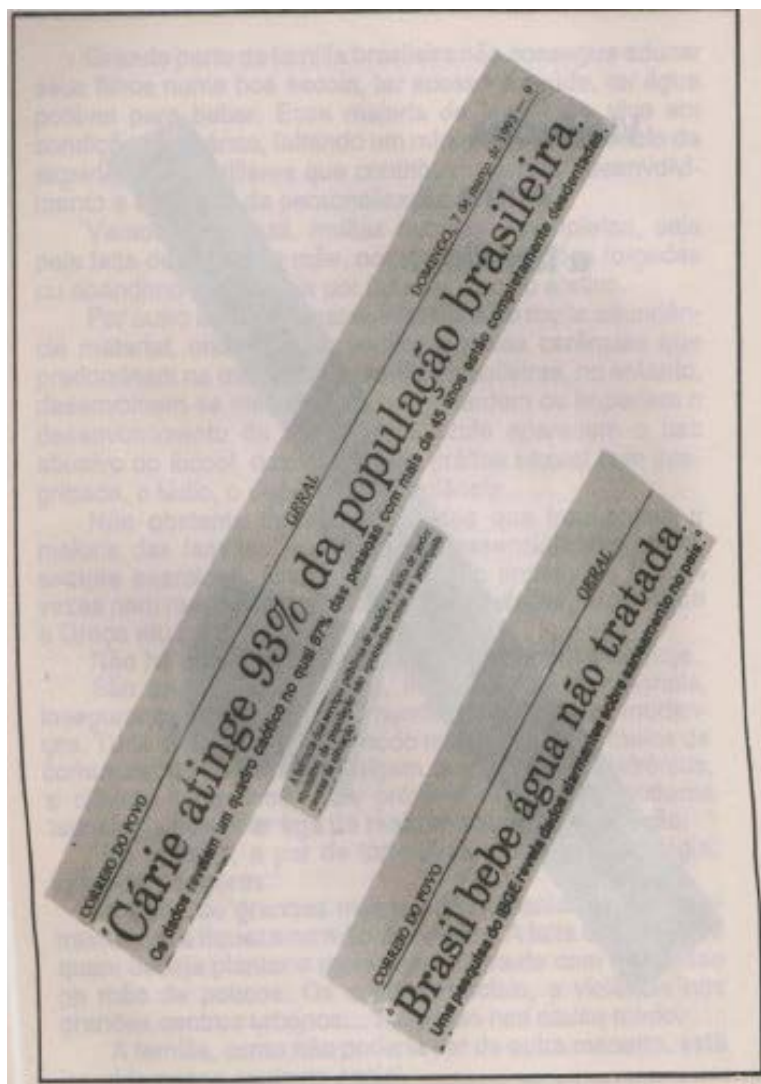


Figura 2 - Manchetes de jornal



Figura 3 - Manchetes de jornal



Figura 4 - Manchetes de jornal

## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento

A família, como não poderia ser de outra maneira, está inserida nesse contexto social.

“A realidade transborda o conceito”, lembra Santo Tomas de Aquino. Que realidade nos revela em relação à família, hoje?

Os bispos da América Latina dizem: “Na família repercutem os frutos mais negativos do subdesenvolvimento”. Que frutos são esses? Eles respondem “Os frutos da pobreza, da miséria, da ignorância, do analfabetismo, da insalubridade de condições humanas...”

Itamar Bonfante, ex-presidente nacional do Movimento Familiar Cristão, falando sobre a crise porque passa a família brasileira, disse: “A causa reside no fato de que ela está sendo célula dessa sociedade que aí está”. A família, diz ele, “está reproduzindo o modelo que a sociedade apresenta”.

“Esse não é o melhor, nem mesmo o modelo aceitável, porque estamos vivendo numa sociedade que não procura viver o clima do cristianismo. Vive-se, isto sim, um clima de desolação”, conclui Itamar.

Nessa sociedade, tudo parece ser passageiro. É a sociedade do “use e jogue fora”, sociedade “descartável”. Dentro dessa sociedade, pouca gente pensa em coisas para durar vida inteira, sejam estas coisas objetos, amizades e, até mesmo, a pessoa humana. Tem gente que pensa assim em relação ao casamento: “Vamos ficar juntos somente até que tudo vá bem..., até que dure”. E essa ideia é estimulada, constantemente, nos programas de televisão, nas revistas. Implanta-se nos lares o esquema ditado pela filosofia do consumismo e da competição desenfreada do “quem pode mais, chora menos”.

Esse tipo de sociedade implica na perda do senso crítico. Sem o exercício do senso crítico, a família é facilmente anestesiada pelo conceito do “use e jogue fora”, tornando os membros da família um produto descartável. “Se não der certo, nos separamos...”

Também o aspecto espiritual e religioso da vida familiar pode refletir na sociedade. Por exemplo: é muito mais fácil nos comprometermos



## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento

com uma Igreja excessivamente espiritualista e contemplativa, do que com uma Igreja participativa, preocupada com a pessoa humana e as injustiças sociais.

Juridicamente, casamento é o contrato solene que gera uma sociedade conjugal, formando uma união legítima entre o homem e a mulher, estabelecendo deveres e obrigações de ambos os lados.

No campo religioso é um sacramento, sinal de salvação, celebrado pela Igreja. É a íntima comunhão de vida e de amor conjugal que Deus fundou, a fim de perpetuar a espécie humana. É um pacto conjugal, isto é, um consentimento irrevogável.

Esse ato solene, jurídico ou de fé, não está sendo realizado por muita gente. Em muitos lugares, principalmente nos grandes centros urbanos, já não oficializam a união conjugal. O índice de união conjugal, fora do casamento civil e religioso, aumenta. O número de casamentos, que é o primeiro passo para a formação da família, vem caindo.

Em Passo Fundo, no período de 1985-1990, o número de casamentos civis, segundo dados oficiais, diminuiu. Em contraposição, o número de separações e divórcios aumentou. Veja os dados: PÁGINA 16

	1985	1986	1987	1988	1999	1990
Casamento	1112	1159	1046	965	798	752
Separação	126	211	144	164	200	220
Divórcio	67	92	936	110	127	128

O XI Plano Diocesano de Pastoral de Passo Fundo, Diretrizes 1992/95, registra: “Os casamentos religiosos revelam uma queda muito acentuada no período de 1983-1991. A diminuição de casamentos religiosos em toda a Diocese, nesse período, é da ordem de 31%...”



Por Outro lado, as pesquisas de opinião pública constataam: “Os divorciados não procuram novo casamento”. Preferem ficar com a situação de solteiros. Alegam que não se casam porque “podem desfrutar de todos os “prazeres” que oferece o casamento”, permanecendo solteiros.

Desse modo, podem ter um companheiro ou companheira quando querem e podem optar por ter ou não ter filhos, quando bem entendem.

Seriam as radicais transformações que vêm ocorrendo nos últimos anos no relacionamento entre homens e mulheres que estão causando também mudanças nas concepções familiares? O fenômeno é universal.

Em compensação, verifica-se que muitas famílias que estão se formando, atualmente, possuem um valor afetivo bem maior do que as de antigamente. A mulher que só se sentir valorizada quando era pedida em casamento, agora quer um companheiro, à altura de sua nova postura.

Sempre que um casal se separa, é praticamente inevitável a crise decorrente da separação. Apesar de tudo, hoje, as mulheres têm mais condições de viver separadas, com filhos ou não.

As estatística vêm registrando que as separações judiciais têm sido uma iniciativa das mulheres, alegando “conduta desonrosa ou grave violação dos deveres do casamento”. Segundo o IBGE, o número de separações judiciais em 1988 cresceu 7% em relação a 87. A maior incidência de separações ocorre em casamentos com menos de 10 anos (55%) e cerca de 30% das separações acontecem antes dos cinco anos de matrimônio. Em 86% dos casos de separações, a guarda dos filhos fica com a mulher.



## **A pornografia nos costumes**

Palavras, comportamentos, modas, casas de espetáculos, meios de comunicação social vêm exercendo uma influência muito grande na conduta dos membros da família. Esses segmentos da sociedade, às vezes, contribuem para poluir a mente das pessoas. Como nos rios, precisamos despoluir o ambiente de imoralidade e desvios sexuais existentes, que geram mentalidades doentias.

Nos filmes, tanto da televisão quanto do cinema, o casamento é ridicularizado e o divórcio é obtido com muita facilidade. Este parece como uma rápida solução para os problemas matrimoniais. Quando um artista realiza um ato imoral, no vídeo ou no cinema, está impondo uma conduta aos espectadores. É uma pornografia subliminar. Ela tem sido, ultimamente, muito usada para a venda de certos produtos.

Se considerarmos que a televisão é um dos meios de comunicação social que mais influência exerce sobre a sociedade, é fácil perceber seu poder sobre a conduta moral dos membros de uma família.

Hoje, mais do que nunca, a exibição pública das partes sexuais, cenas de atos sexuais, travestismos, sadismo sexual, masoquismo todos são fontes de atração ou elementos de prazer que não estão relacionados com a consumação do ato sexual normal, mas na produção de outras emoções demonstradas no vídeo, no cinema e nas revistas.

Todos esses vícios e taras sexuais são altamente estimulados pela pornografia. As revistas que são colocadas nas bancas de jornais iniciam o jovem vício corrompido. “É um material quente”, afirma um proprietário de uma banca de revistas. “Vende com facilidade”.

É quase impossível impedir que se introduzam na mente das crianças e dos jovens as imagens com insinuações pornográficas. Encontram-se por toda a parte. A força dos costumes é muito grande. É necessário muito esforço e possuir ideias muito esclarecidas para





contrapor à sua poderosa influência. Especialmente se estes são costumes que despertam os instintos sexuais que, em si, já são tremendamente poderosos para estimular a imaginação e para modificar a conduta.

A família alienada é o modelo pelo qual determinada situação social chega a seus fins. É na família que se situa a possibilidade da personalidade estabelecer suas primeiras relações de contato interpessoal. Mas é a família renovada, revolucionada que vai impedir, através dos seus membros, a implantação da imoralidade dos costumes, impedindo, também, que a alienação social chegue à alienação mental.

São demasiadamente rápidas as transformações porque passam a sociedade e a família. Tudo isso, pode gerar uma série de situações verdadeiramente calamitosas que exigem a atenção de todos e uma ação positiva por parte dos pais, em primeiro lugar.

Não podemos enfrentar o mundo moderno, urbanizado e tecnológico com a mentalidade agropastoril herdada de nossos avós.

Temos o dever de indagar qual é a posição do homem na sociedade familiar moderna.

É preciso pensar sobre:

- o matrimônio e seu relacionamento conjugal;
- sobre a equiparação da mulher ao homem;
- sobre as atividades profissionais da mulher;
- temos que pensar sobre as vantagens ou não da limitação de filhos;
- sobre o uso dos anticoncepcionais e suas consequências morais e de saúde;
- sobre a educação dos filhos;



## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento

- sobre o novo tipo de relacionamento entre pais e filhos, esposa e marido;
- sobre o papel da escola na educação dos nossos filhos;
- sobre a corresponsabilidade dos pais para com a escola.

A vida se constrói à base de pequenas coisas, de pequenos acontecimentos. Muitas coisas que entram pelos olhos, mexem com o coração.

Vivemos, infelizmente, numa sociedade em que tudo, ou, quase tudo está programado para produzir o consumir. Isso faz com que percamos a originalidade, a criatividade (conversar é algo criativo), com isso, a felicidade pessoas dos membros da família está continuamente ameaçada.

No contexto atual, somos chamados a criar e a viver intensamente profundos valores de vida, tais como: o respeito, a liberdade, a acolhida, a esperança, o espírito de luta. Uma família estável e equilibrada é fator essencial para o bom trabalho dos professores e o bom desenvolvimento da criança. A tarefa de educar não será tão penosa.

O aumento das crises e das separações conjugais não justificam a afirmação de que existe uma baixa moralidade conjugal em comparação com épocas passadas, como alguns tentam destacar.

Precisamos criar mais e proteger o vínculo do amor, do que tentar manter e defender uma estabilidade artificial baseada em fatores externos.

Por outro lado, a família não poderá realizar sua função essencial de formadora de pessoas, enquanto houver desnivelamento econômico e todos os males que tornam as famílias desumanas, ocasionados pelas estruturas injustas da sociedade.



## Casamento: assunto superado?

A Sra. Ruth Peale, mulher do conhecido psicólogo e autor americano Dr. Norman Vicent Peale, conta o que aconteceu em uma conferência por ela feita para um grupo de universitárias, da seguinte forma: num dado momento, a conferencista foi interrompida por uma jovem muito bonita, em tom irônico: “Sra. Norman, a senhora afirmou que o casamento é a carreira mais importante que uma mulher pode seguir. Na minha opinião, o casamento é uma instituição que quase deixou de existir, e a maioria de nós pensa da mesma forma. Não acreditamos que seja necessário, nem mesmo desejável unir-nos sexualmente a um indivíduo, por volta dos vinte anos de idade, e nos limitarmos a ele pelo resto da vida.

Isso nos parece ridículo!

As estudantes olhavam com interesse para a sua colega, enquanto esta continuava dizendo: “Durmo com um jovem que gosta de mim. Não pretendo casar-me com ele e não creio que ele tenha intenção de casar-se comigo. Esta não é a primeira vez que vivo maritalmente com um homem, e provavelmente não será a última. Não vejo nada de mal nisso. Se algum dia me der a vontade de ter um filho, então serei forçada pela sociedade a casar-me. Mas enquanto não chegar esse momento, não quero saber de casamento.

Se algum dia vier a casar-me e as coisas não derem certo, de maneira alguma me deixarei prender por um casamento infeliz. Senhora Peale, não somos cegas. Vimos o que o casamento causou aos nossos pais e a outras pessoas, e isso nos agrada. Qual a sua resposta?”

Agora, todas as estudantes se voltaram para a Sra. Peale, que respondeu o seguinte: - “Sim, tenho uma resposta, e eu mesma a estou vivendo”.

Considero-me uma das mulheres mais felizes. Estou completamente casada em todo o sentido da palavra: física, emocional,



intelectual e espiritualmente. Estou unida a meu marido por laços muito estreitos. Não somos duas pessoas separadas em mútua competição. Formamos uma unidade, e coisa alguma na vida pode ser comparada a isto. Vocês nunca experimentarão semelhante unidade, nem terão sequer um vislumbre das satisfações que isto produz, se continuarem com as atitudes que revelam e a mesma norma de conduta.”

“Não vejo por que não”, respondeu a aluna da maneira defensiva, mas sem tanta convicção. Por que não poderia a relação entre homem e mulher ser tão significativa fora do casamento como o é no âmbito deste?”

“Porque”, respondeu a Sra. Peale, “é destituída de compromisso e dedicação. É instável. Não possui a profundidade que resulta do fato de partilha totalmente, ano após ano, de trabalho, juntos, de saber que está construindo um relacionamento perdurável. Você acredita que encontramos a felicidade no casamento por meio do toque de uma varinha mágica? Não! Lutamos e trabalhamos duramente para alcançá-la. Para nós o casamento não foi uma prisão; ao contrário, consideramo-lo um privilégio. E existe uma grande diferença nisso.”

Enquanto a classe olhava em silêncio a Sra. Peale, ela concluiu dizendo: “Neste país são muitos os casamentos bem alicerçados, mas é preciso formá-los a custa de trabalho e dedicação. Isso exige inteligência e determinação, e o trabalho nunca termina. Quando se dedica tempo e esforço para fazer com que o casamento funcione de maneira satisfatória, a recompensa é enorme”, concluiu a Sra. Ruth.

Hoje, não poucos casais namoram, casam-se e acham que com isso terminam a tarefa conjugal. São levados a pensar que todas as demais coisas funcionarão automaticamente. Essa suposição, porém, está longe de ser verdadeira. Um casamento bem sucedido não acontece espontaneamente ou por acaso. Ao contrário, a felicidade conjugal ocorre quando o marido e mulher se dispõem a resolver, com amor e compreensão tanto as pequenas como as grandes dificuldades da vida conjugal e familiar.



## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento

O homem e a mulher foram criados para viverem como companheiros. Na Bíblia, o matrimônio foi um dos meios usados por Deus, para revelar a aliança de amor entre Ele e seu Povo. Essa aliança era explicada com o exemplo do amor nupcial. A figura da relação de Deus com o Povo de Israel era explicada pelos profetas através da dinâmica esposo-esposa.

Mais tarde, o apóstolo Paulo, baseado no Antigo Testamento, recoloca a vivência conjugal dentro do contexto da Salvação e do Ministério de Cristo, ao dizer: “O casamento, realidade humana, é um “grande mistério”, que tem como ponto de partida a relação de Cristo com a sua Igreja. Por isso, cada marido deve amar a sua esposa como a sai mesmo, e cada esposa deve respeitar o seu marido” (Ef 5). “Aquele que significa assumir a realidade do casamento, à luz dos ensinamentos de Jesus Cristo”.

Esse enfoque do casamento não têm sido compreendido através da história. O amor conjugal, dessa maneira, que “faz dos dois uma só carne”, se transforma em sinal e testemunho do amor salvador de Jesus Cristo por seu Povo. O casamento, além de ser uma realidade humana, é, também, mistério de salvação, conclui-se.

Além de ser um sinal de salvação, a família, originária do casamento, é, também, uma escola de enriquecimentos humano. A família pode humanizar a sociedade, porque pode realizar a convivência dos demais grupos sociais.

“Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9).

Quem vê um casal unido no amor, vê Cristo. E quem, vê Cristo, vê Deus. Todo gesto de amor do marido para com a esposa, e vice-versa, é um gesto divino. É sinal de salvação do casal e do mundo.

Mas a família, formada pelo casal e os filhos, caminha entre a graça e o pecado, entre a limitação e a plenitude, porque são humanos.



## A difícil missão de ser família

Os bispos da América Latina, reunidos na cidade de Medellín, Colômbia, em 1968, propuseram às famílias, do nosso continente, a missão de “formar pessoas, educar na fé e promover o desenvolvimento”.

Mais tarde, na cidade de Puebla, México, em 1979, os prelados reconhecem que a realidade familiar já não é uniforme, uma vez que “em cada família influem de maneira diversa, independente de classe social, fatores ligados à mudança e que a mesma vem sendo vítima daqueles que transformam em ídolos o poder, a riqueza e o sexo”.

No Brasil, o que se pode constatar, facilmente, é que a maioria das famílias, independente de classe social, passa por uma crise muito séria. Crise essa que não é igual para todas. A crise das famílias marginalizadas, como também não é a mesma das famílias de classe média e, a crise destas, não é a mesma da classe rica.

O Jornal do Brasil, edição de 19.12.90, estampava em manchete: “Jovens miseráveis no Brasil já chegam a 17 milhões”. O mesmo jornal registrava “há no Brasil 58 milhões de crianças e adolescentes, até 17 anos, dos quais 31 milhões (54%) vivem em estado de pobreza relativa. Em estado de miséria, vivem 17 milhões”.

“A má distribuição de renda nacional é a origem de outros males que atingem a família, lembra a socióloga do Departamento de Estatística e Indicadores Sociais do IBGE, Rosa Ribeiro, responsável pelo estudo onde constata as péssimas condições de trabalho de crianças e adolescentes. “Essas famílias”, concluiu a socióloga, “vivem em casas indignas de receber um ser humano e não têm condições de dar aos filhos uma educação adequada”. “ Seus membros não encontram, no ambiente familiar, o mínimo de favorecimento para se desenvolver, nem mesmo fisicamente”.



Uma mãe, questionada sobre o abandono dos filhos nas ruas da cidade, respondeu: “Como conter meus filhos em casa, se falta espaço, se devo trabalhar e não tenho com quem deixar?”.

As famílias de classe média também têm problemas. Elas foram jogadas na competição e no consumo pelos meios de comunicação social. A propaganda penetra nos lares com força total. Encontram terreno fértil, quando não há senso crítico entre os membros da família.

É o caso daquela criança ou adolescente que exige dos pais a compra deste ou daquele objeto que é posto na tela da TV. Sem diálogo, certos pais, para “satisfazer” os desejos do filho, adquirem o objeto.

A superabundância material também pode prejudicar. Se a família da pobreza absoluta está em crise porque lhe falta tudo, seria de se imaginar que a família rica estaria vivendo em harmonia, uma vez que não lhe falta nada. Nem sempre é verdade. Às vezes, o excesso pode prejudicar a vida em família.

Antigamente, tudo era feito em casa. O trabalho era realizado em comum e a cada um competia determinada tarefa. A mãe, por exemplo, cuidava da alimentação, da roupa e da educação dos filhos, principalmente das meninas. O pai ensinava a maneira de lidar com as coisas. Era temido e respeitado. Era uma família com muitos filhos.

Na sociedade urbana, tanto o pai quanto a mãe trabalham fora do lar e os filhos, no mais das vezes, ficam relegados a si mesmos e a comunidade passa a assumir tarefas que antes não lhes diziam respeito. Desta forma, temos as creches, as escolas maternas, os jardins de infância a tomar conta dos bem pequeninos e as escolas a preparar os jovens para a vida, quando há oportunidade para eles.

Em muitas famílias, o lar transforma-se apenas em abrigo. Um albergue noturno...

Outra coisa: a família ficou reduzida, pelo menos em algumas classes sociais, ao casal e, no máximo, dois a três filhos. Conscientizam-se os pais de que cada filho que nasce necessita de melhor preparo para



enfrentar a vida... que o estudo é essencial... que os espaços estão cada vez mais reduzidos... Nasce, daí, a necessidade de limitar o número de nascimentos e a vida familiar passa a ser vivida nas quatro paredes de um apartamento, de um pequeno chalé ou num barraco.

A vida familiar já não gira em torno do pai. A mãe já não é um elemento secundário na constituição familiar. Surge uma nova mentalidade: o relacionamento homem-mulher, como eixo fundamental da estabilidade familiar. Cada um respeitando a sua individualidade e capacidades profissionais. Isso dificulta de certo modo, a convivência matrimonial. O casal fica sujeito a crises que, quando não identificadas, costumam produzir separações, legal ou não.

Na sociedade urbanizada, os pais pouco interferem no casamento dos filhos. Antigamente, havia critérios para a escolha do esposo ou esposa dos filhos. Esses critérios eram pesados. Hoje, predominam os motivos do coração, dos sentimentos. Como estes são frágeis, muitas vezes surgem problemas, bem mais cedo do que se esperava.





## **Precisamos nos inter-relacionar**

Nos inúmeros encontros de noivos e de casais que realizamos ao longo dos anos, discutindo a problemática conjugal e familiar, ficou evidente que a família vai se constituindo, ao longo do tempo, na dinâmica do relacionamento pessoal a grupal. Por outro lado, as dificuldades são inúmeras na vida familiar e ameaçam o inter-relacionamento e sua estabilidade. Muitos fatores interferem nesse inter-relacionamento.

Nos últimos anos, o desemprego aumentou, o salário é insuficiente, exigindo horas extras de trabalho, em prejuízo à convivência familiar. Na escola, a família vem encontrando dificuldades, uma vez que os professores, não recebendo incentivo dos governos, recrudescem no processo ensino-aprendizagem. Insegurança, cansaço, o alto custo da moradia falta de espaço para morar, local para a recreação dos filhos, a televisão vendendo ídolos populares, fazendo propaganda do amor livre, do aborto e do divórcio pelo divórcio, a ausência de diálogos na família, gerando um clima de tensão e comportamentos desestruturados. A criança que não dialoga, primeiro com seus brinquedos e seus personagens de “faz de conta”, depois com seus pais e amigos, não cresce sadia, porque a sua comunicação com o mundo exterior é falha.

Um fator que atrapalha o inter-relacionamento familiar é a televisão, porque não fomos educados para fazer uso dela. Ver televisão com os filhos é dialogar com eles. Um programa indigno de entrar na intimidade de um lar, é indigno por ser um lar e não simplesmente porque há uma criança na frente do vídeo. Um dos problemas que a TV anda provocando, na maioria das vezes sem solução, é que os pais não estão maduros para o uso do vídeo.

Muitas vezes fazemos da televisão a nossa substituta, isto é, substituímos a TV pela presença paterna ou materna. Recordo-me daquela mãe que dizia: “enquanto as crianças veem televisão, eu tenho



tempo para descansar...” Televisão não pode substituir o carinho, a atenção, a presença, o diálogo, o aconchego...

A invasão da televisão na família existe quando esta não se inter-relaciona, isto é, seus membros não dialogam, não partilham ideias. “A TV não faz falta nenhuma, desde que a gente tenha outra coisa para fazer”, disse um jovem.

“A família que certos meios de comunicação social tentam mostrar é muito diferente da família da gente”, conclui um grupo de casais de noivos.

Todas as crianças gostam de ouvir histórias e olhar figuras. É um encanto para a criança quando um adulto lhe conta histórias ao folhear um lindo álbum de fotografias ou de figurinhas, por exemplo. A criança precisa de imagens, tanto quanto de pão. É necessário responder a essas exigências, povoar suas fantasias e encantar seu coração.

Toda a atmosfera do lar, unida à doçura de estar juntos e o sentimento de segurança que ali deve ter, são como um antegozo do reino de Deus. A mesa, ao redor da qual a gente se reúne para as refeições, o perdão que os pais dão aos filhos, após alguma “arte”, a conversa entre pai e filhos, entre esposo e esposa, será para todos uma aprendizagem positiva.

Os gestos simples que se fazem em família serão muitas vezes ocasiões que propiciam à família oportunidades de convivência humana: “bom dia, obrigado, etc.”, serão na boca dos membros da família a resposta a atitudes e gestos benfazejos que exprimem por sua vez o acolhimento, a doação, a misericórdia, a confiança. Palavras como “eu te amo, eu te reconheço, eu te dou isto, eu queria te dar muito mais, eu te perdoo quando tu cometes faltas, tu podes sempre contar conosco...”etc, abrem o diálogo familiar, aliviam tensões. O invisível será descoberto, a partir das coisas visíveis. A partir das realidades familiares e dos gestos de cada dia, a família será levada a ser mais humana e se aproximar de Deus.



## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento

Infelizmente, no mais das vezes, a função de educar dentro da casa cabe sempre à mãe. A sociedade machista é assim: “O pai paga as contas e a mãe educa”.

“É comum encontrar princípios de educação como: ”O menino deve ser educado pelo pai e a menina pela mãe”.

Dessa forma, o menino será educado no sentido de tornar-se “homem”, machão, aquele que não chora, não cede. Muitos pais exigem que seus filhos sejam sempre os melhores alunos, obtenham as melhores notas na escola. Em hipótese alguma, admitem insucesso em sua vida.

Antigamente, o pai era o senhor absoluto, temido e respeitado. Hoje não, embora ainda haja muitos agindo à moda antiga. Hoje se exige a presença do pai, pois além de abranger os aspectos biológico e econômico o pai situa-se também no plano afetivo-educativo.

Tanto a menina como o menino necessitam da presença do pai ao longo da vida. O menino deseja encontrar no pai um companheiro e um modelo, que o ajudará a ser alguém na vida e o levará a desejar tornar-se igual ao pai, quando crescer. A menina, a partir dos quatro a cinco anos de idade, começa a ficar encantada com o pai, que passa a se a pessoa mais importante de sua vida. Se apegua a ele.

Viver essa etapa sem traumas é uma determinante na vida dos filhos. A presença do pai na vida dos filhos de casais separados é de suma importância, visto que o pai divorciado ou separado, geralmente, fica com os filhos apenas nos fins de semana. Esse tempo deve ser aproveitado para efetivar uma verdadeira convivência, de qualidade, e não ficar programando passeios, tentando “comprar” os filhos com brinquedos, coisa que ele não faria com tanta frequência, se estivesse morando em casa.

Apesar de ainda haver certa dificuldade de se encarar o pai como uma pessoa que pode e deve demonstrar afeto, dispensar carinho, muito pais já compreendem os valores desse comportamento e suas influências



na vida dos filhos. Assim como ele externa, em certos momentos, o seu mau-humor, também poderá manifestar delicadeza e afeição.

Quando queremos falar de Deus às crianças, dizemos: “Deus é pai, Deus é bom, Deus é amor”. Deus terá atingindo o tenro coração da criança?

Até pouco tempo atrás, devido a fenômenos históricos e culturais, só se havia pedido à mulher para desenvolver um único um único aspecto de sua vocação humana: de esposa e mãe, o que a fazia mais dependente do esposo.

Nas etapas do desenvolvimento da mulher, ela acreditou ser esta a única missão que lhe cabia. Fez o que lhe parecia dever fazer. Por outro lado, nem a sociedade lhe pedia coisa diferente.

O tempo passa, e a história, que é um processo que caminha do imperfeito para o mais que perfeito, faz com que a mulher descubra que deve ser algo mais e não só um mero objeto. Agora ela percebe que a sociedade lhe pede mais, que já não é mais um elemento secundário na constituição da sociedade e que sua vida já não gira somente em torno do homem. Descobre que homem e mulher são dois integrantes da espécie humana, iguais, mas diferentes, com a mesma missão de “povoar a terra e de submetê-la”, conforme o plano de Deus. Iguais como pessoas mas diferentes em suas peculiaridades, o que faz com que um seja homem e o outro mulher. “Deus criou o homem à sua imagem. E criou-o homem e mulher (Gen 1,26). São seres iguais dentro da diversidade, cada um trazendo, equilibradamente, suas características, que tornam a atividade de cada um peculiar e insubstituível pelo outro.

Os movimentos feministas trouxeram aspectos positivos e negativos no que se relaciona ao comportamento da mulher. Positivo quando questiona a situação da mulher frente ao homem. Negativo quando fixou como meta igualar a mulher ao homem, em vez de promover a mulher que age ombro a ombro com o homem. Por falta de uma visão global da pessoa humana, muitas mulheres identificam sua libertação como possibilidade de serem como o homem, o que acarreta problemas



## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento

tanto para ele como para ela. Serpa difícil à mulher alcançar a sua dimensão total de mulher, sem que, simultaneamente, o homem procure chegar a sua plenitude coo homem.

Um completa o outro.

## Mãe solteira: por quê?

O Jornal do Brasil publicou uma pesquisa que mostra o aumento de mães solteiras. Do total de 2,8 milhões de crianças registradas em 1988, 31% (868.000) eram filhos de mães solteiras, das quais 80% tinham entre 15 e 29 anos. Os dados são da pesquisa estatística do registro civil/1998, divulgados pelo IBGE, e mostram ainda que cresceu, em 1988, o percentual de mães solteiras. “Nos últimos dez anos, a idade das mães na ocasião do parto vem diminuindo”, diz o documento.

A tendência, segundo o demógrafo do IBGE Luiz Armando de Medeiros Frias, é mundial. As condições do parto, constata ele, são precárias no Brasil. Apenas 86% dos partos acontecem nos hospitais e, no Nordeste, 30% das crianças nascem sem assistência médica.

O padre Zezinho diz que “uma das dores mais doídas da vida em família é a dor dos pais da mãe solteira”. E não só dói na notícia, no seu impacto, dói também durante os meses de sobra da gravidez, dói na filha, dói nos pais, dói nos irmãos.

Mas os pais precisam ter calma nesta hora.

Perder a virgindade não é o mesmo que perder a dignidade de filha de Deus e filha deles. A decepção dói, certamente, mas não é punindo e agredindo que ajudam a filha. A gravidez não assumida já é um episódio doloroso. Tratar a filha mal, dizer palavras violentas e cruéis mostra um clima ainda muito triste no lar.

Também é muito grave a omissão dos pais que deixam só para a escola e para a sociedade a orientação dos filhos. As famílias que podem, que têm condições culturais, pois que a maioria dos pais não possui esse privilégio, por estar à margem da sociedade, devem orientar as filhas, a forma de critérios de prevenção de perigos de ficar grávidas as meninas ainda adolescentes.



## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento

Certos sistemas de educação familiar, muito comuns hoje em dia, baseiam-se no princípio de que tudo é permitido, de que todas as experiências devem ser feitas e que toda a censura deve ser abolida. Não resta a menor dúvida que a pessoa humana deve ser respeitada na sua liberdade e orientada para autodeterminar-se, livre o mais possível. Contudo, sem um mínimo de estrutura, de solidez de princípios e conduta, é impossível uma pessoa manter-se de pé.

Não podemos jogar toda a responsabilidade sobre os filhos pelos seus desvios, particularmente pelos enganos da mãe solteira.

De qualquer forma, conscientes ou não, elas permitem que a vida nelas se manifeste.



## Os conflitos matrimoniais

Raros são os casais que já não tiveram, pelo menos, uma pequena desarmonia. Para alguns, o problema foi resolvido sem dificuldade. Outros, entretanto, não tiveram o mesmo sucesso. Talvez a situação pudesse ter sido diferente, não fosse ter faltado um pouco de equilíbrio emocional, ou se cada um tivesse sabido calar na hora em que os ânimos estavam exaltados. Ou, cada qual voltasse ao assunto sem propósitos de sair vitorioso, mas de obter a solução.

Os conflitos matrimoniais são inevitáveis. Por que são inevitáveis? Pela simples razão de que, tanto marido como esposa, por serem duas pessoas, dois indivíduos, vêm as coisas a seu modo.

No entanto, essas divergências não podem produzir mal-entendidos, porque estes podem produzir conflitos que, por sua vez, podem terminar em estados de frustrações e ira. A verdade é que não podemos ignorar os conflitos. Não podemos reprimi-los, porque são problemas repletos de conteúdo emocional.

Conheci um casal que costumava acomodar as situações conflitantes tarde da noite. A tendência era assumir um elevado tom emocional, porque o corpo e a mente estavam cansados, física e espiritualmente. Nada melhor do que deitar-se em hora razoável e levantar-se cedo no dia seguinte para conversar com calma sobre o assunto que preocupa.

Embora não concordemos com a posição do outro, ainda assim devemos revelar respeito por uma outra opinião. Uma coisa que jamais deve ser feita em uma discussão é o uso de ameaças, sejam elas quais forem, porque ninguém gosta de ser ameaçado. É muito difícil desfazer o efeito provocado por palavras em tom de ira. As guerras nunca resolveram os conflitos. Só agravaram. A melhor arma é a negociação amistosa.





Não importa quem tem ou não razão, porque um casal que se preocupa com bem-estar do outro, nunca discute.

Quando o marido e esposa se agredem de maneira irracional, podem destruir as boas relações matrimoniais.

O filósofo Platão costumava usar a ilustração de uma escada para representar o crescimento que deve ocorrer na relação matrimonial.

Os dois lados verticais da escada representam o marido e a mulher, e cada um dos degraus simboliza algo que os atrai e os mantém unidos em um companheirismo. O primeiro degrau é a atração física e o último é o amor puro a Deus.

Cada um dos degraus depende dos demais.

Na vida matrimonial, como na vida profissional, galgamos os degraus da grande escada da vida. Muitas vezes, ao invés de subirmos, tropeçamos com problemas, sejam triviais ou graves. Conheci um casal que ao se deparar com o primeiro problema de ordem conjugal, propôs o divórcio. Muitos casais chegam à conclusão que têm uma causa justa para separar-se. Outros, porém, suportam a situação penosa, nada fazendo para melhorar a difícil situação. Outros enfrentam os problemas pessoais e tomam uma decisão inteligente para construir um relacionamento matrimonial mais feliz, a partir do já existente. O termo “incompatível” muito usado para se conseguir a separação judicial, é usado, também, por pessoas que não estão dispostas a resolver as dificuldades e que delas fogem separando e casando sucessivas vezes. Mesmo casando outra vez, os problemas de ordem conjugal ressurgem. O que é preciso é saber equacioná-los.

Conheci um casal que tinha como preocupação dominante educar os filhos para o sucesso. Entendiam os pais que uma sociedade competitiva “rejeita os mais fracos e promove os mais fortes”. E costumava dar como exemplo todas as pessoas que venceram na vida profissional.

Será esse modelo de sociedade a ser construída? Nada contra o desenvolvimento, nada contra o êxito profissional, mas não seria possível



educar o filho também para o amor desinteressado, para o serviço ao próximo, numa sociedade competitiva? A segurança econômica, por si só, não é decisiva para a paz e a tranquilidade interior. Erram os pais quando estimulam os filhos somente para o estudo e para o sucesso.

Um dia destes, conversando com ex-colega da faculdade, ele externava a seguinte idéia: “Mulher que trabalha fora de casa só cria problemas”. Muitos maridos resistem à idéia de que sua esposa estude ou trabalhe fora do lar. Há mulheres que suspender seus estudos, por força do casamento. Esbarram com resistência do esposo, só em falar em trabalhar fora ou inscrever-se num concurso.

O argumento: “Ganho o suficiente para manter a família e dar-lhe relativo conforto”. E insistem: “A missão da mulher é cuidar do lar e da educação dos filhos...”

Às vezes chegam até citar a Bíblia para justificar seu ponto de vista literalmente: “A mulher deve ser submissa ao marido”.

Será que essa atitude ostensiva do marido de “dedicação”, “proteção” e “ternura” em relação à esposa não está mascarando uma situação de dominação?

Quando o marido descobrir que a mulher é fundamentalmente igual a ele, que é sua companheira, seu complemento, possibilitando a sua plena realização, reinará a paz e a harmonia conjugal e os filhos viverão felizes.

Uma das causas do êxito matrimonial é a dedicação para viver o casamento.

Outro dia fomos convidados para uma festa comemorativa às bodas de ouro de um casal amigo. Conversando a respeito da vida, o casal homenageado dizia que “os cinquenta anos de matrimônio foram construídos na luta e no trabalho”. “Para nós, o casamento não é uma prisão, ao contrário, consideramo-lo um privilégio”, disse o casal. Esse modo de encarar a vida matrimonial nos leva a meditar profundamente. É a vida. Sem luta e trabalho pouco ou nada se consegue.



## O sofrimento da separação

A separação de um casal tem repercussão sobre os filhos. Mesmo separados, pai e mãe continuam a ter papel relevante na formação da personalidade dos filhos, porque eles, em qualquer idade necessitam de seus pais e seu bem-estar é sempre afetado, quando o bem-estar dos pais é abalado, principalmente quando os filhos são de menor idade.

Todos nós sabemos que os filhos crescem apoiados na unidade e segurança que os pais lhes proporcionam. Para uma criança, o crescer não é uma tarefa fácil, dizem os psicológicos. “É um constante desafio que gera angústias que a criança nem sempre pode suportar sozinha”. Assim sendo, a criança necessita apoiar-se na confiança dos pais.

Quando um casal se desajusta (quebra do entrosamento), os elementos causadores desse desajuste, desse impasse, nem sempre são percebidos pelo casal, porque os desajustes, até certo ponto, são normais. Logo há um reequilíbrio da situação e tudo volta ao normal.

Quando, porém, os problemas são intensos e o casal não consegue resolver satisfatoriamente, tornando-os repetitivos e desgastantes, levando gradualmente ao desajuste, pode culminar na separação.

Muitos pais acreditam que os filhos só percebem o que se passa entre eles quando lhes é comunicado. É custoso de acreditar. As crianças sentem as alterações emocionais da unidade da família da qual participam. É inevitável que os filhos sofram diante do sofrimento dos pais, sendo isso uma manifestação normal, pois que somos seres humanos. A Psicologia diz: “é um erro dos pais, acreditando proteger os filhos, tentar esconder-lhes a realidade porque passam”.

Quando há suficiente maturidade entre os pais para que a separação seja encarada de modo mais objetivo, é mais provável que eles tenham permitido aos filhos tempo suficiente para se defrontarem com o



## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento

problema. Nesse caso, os filhos poderão continuar contando com os pais que precisam.

## O matrimônio exige convivência

Nos encontros de noivos, costumamos enfatizar que o casamento tem como pressuposto a convivência (viver-com).

Hoje, mais do que no passado, a mulher tende a se equiparar ao homem nas responsabilidades profissionais e na participação social e política. Isso, de qualquer forma, tem trazido consequências, às vezes graves, para uma boa convivência conjugal e familiar.

A convivência conjugal é a relação de esposo e esposa e, a essência do casamento é a vivência a dois. “Dois numa só carne”, diz o Senhor. A convivência conjugal, como qualquer outra, é de formação lenta, segue trajetórias acidentadas, admite recuos, mas não pode dispensar contínuos avanços. A forma mágica da convivência é a conversa, o diálogo franco e contínuo entre esposo e esposa, na busca da harmonia.

Para isso, é preciso encontrar tempo. São momentos fundamentais que não poderão ser adiados. Mas os pretextos são muitos: televisão, cansaço, constrangimentos, saídas de casa, trabalho... De início, dialogar é difícil. Exige esforço de ambos. Paulatinamente, vai se transformando no momento mais esperado do dia (como o chimarrão).

Firmado o diálogo conjugal, a passagem para a convivência familiar se fará de forma natural. A convivência familiar, isto é, dos pais com os filhos, é o pano de fundo da harmonia conjugal, evitando assim o desajuste da separação. Obtida essa harmonia, a tarefa educativa dos filhos torna-se mais suave. Vai dispensando muitos sermões moralizantes e vai influir no próprio desempenho dos futuros pais e das futuras mães.

Convém lembrar que a tarefa global de educar os filhos compete ao pai e à mãe, senão no mesmo grau de intensidade, certamente no mesmo grau de responsabilidade. Mérito ou demérito de um filho ou de uma filha, bem ou mal educados, atribui-se a ambos. Aquela idéia de que ao pai cabe a tarefa de prover a despesa, e à mãe a incumbência dos



encargos domésticos, entre os quais a educação dos filhos, poderá ser totalmente errada.

O mundo moderno é rico em recursos positivos para a plena realização da família, bem como é, igualmente, fonte de influências negativas que dificultam à família a realização de suas funções.

No casamento, adaptar-se significa ajustar-se um ao outro. Desde o namoro, um deve ajustar-se ao outro, a fim de poderem viver e conviver harmonicamente, com vistas à felicidade conjugal e familiar.

A “lua-de-mel”, por exemplo, é o período em que o casal se isola um pouco dos amigos, dos parentes, para poder se dedicar um ao outro, inteiramente, para melhor se conhecer em todos os planos físico, sexual, psicológico, espiritual. São dias de intimidade profunda dos temperamentos, das reações, dos comportamentos, das duas personalidades bem diferentes.

Nem sempre será fácil aceitar-se mutuamente, assim como são. Em geral, esperamos que o outro seja aquilo que sonhamos. É preciso compreender que muitas diferenças de temperamentos e vivências, entre os dois, serão uma riqueza e um fator de atração para o casal. A perfeita aceitação mútua exigirá um permanente esforço de cada um, para realizar o bem do outro. Precisamos renunciar constantemente a hábitos da vida de solteiro ou solteira.

Tudo agora pertence a ambos: o tempo, o dinheiro, a própria saúde. A partir do casamento, somos um só. Para isso, devemos lutar contra certos defeitos que podem comprometer a felicidade do lar, como, por exemplo, o mau-humor, a preguiça, a violência, o jogo, o individualismo... “Nada é meu, tudo é nosso”.

Hoje em dia, é comum e necessário o trabalho da mulher fora do lar. Vários são os motivos: necessidade financeira, ideal profissional, realização pessoal... Para isso, o casal deve planejar, de comum acordo, suas vidas de trabalho, de como educar os filhos e como administrar o lar,



## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento

para que não sejam prejudicados pela ausência tanto do homem como da mulher, às vezes, exageradamente absorvidos por encargos fora.

Uma coisa muito importante: precisamos cultivar a arte do elogio. Quantas vezes a esposa se esmera em sua apresentação. Penteados, vestidos, perfumes para se tornar mais atraente para o marido que, distraído, muitas vezes se esquece de demonstrar sua admiração pelos encantos da esposa. Também o esforço do marido para sustentar a família não recebe o incentivo e o elogio da esposa.

Um pouco de romance sempre é muito bom. Quantos casais esquecem de prolongar, por toda sua vida conjugal, o clima de romance que envolveu desde os primeiros tempos de namoro e noivado?

A adaptação conjugal é uma busca constante na firme convicção de que é possível viver feliz no casamento.



## A sexualidade no casamento

Muita gente acha que o “desajustamento sexual é a causa do esvaziamento do amor conjugal”. Seria este o motivo mais frequente das separações e da desagregação familiar?

Outros acham o contrário: “O desencontro sexual no casamento é consequência da falta de vivência e de manifestação do amor conjugal”. Também estes costumam admitir que pode acabar se formando um círculo vicioso: “A frustração sexual e o esfriamento da vida afetiva do casal vão se alimentando reciprocamente”.

Com quem está a razão?

Uma coisa é certa: há uma conexão entre a sexualidade e a vida afetiva do casal. A sexualidade conjugal, com todas as suas ricas e variadas formas de expressão, torna-se um símbolo de amor conjugal. Essa sexualidade, é claro, não se reduz ao ato sexual, mas engloba todos os impulsos e manifestações de doação e comunhão, de ajuda e aceitação mútua no encontro de pessoas, na vida do dia-a-dia do casal.

A sexualidade é essencialmente espiritual. Alimenta e celebra o entusiasmo de viver e a alegria de estar juntos. Nesse caso, a sexualidade se exprime num ato conjugal muito íntimo. Torna-se sensível e eficaz o amor-doação. Um vive para o outro. Ajuda a construir, reforça, alimenta e fecunda o próprio amor do esposo e da esposa.

Muitos casais perseguem o ajustamento sexual por complicados mecanismos e técnicas de desempenho. O casal que se ama de forma adulta sabe exprimir sua relação afetiva com entusiasmo e frequência, em atos sexuais harmoniosos e profundamente amorosos, aumentando a capacidade de doação, comunhão e comunicação.

Mas uma boa integração do casal e a vivência plena da sexualidade exige, necessariamente, condições favoráveis nos planos físico, espiritual e material. Essas condições, muitas vezes, se tornam





inacessíveis por fatores como: falta de saúde, paz interior, desemprego, moradia, condições econômicas...

O amor conjugal pressupõe a sexualidade como expressão física de uma realidade espiritual. Nesse amor, é a pessoa toda que está empenhada, enquanto corpo e alma, indistintamente.

A construção e o crescimento permanente do amor conjugal em busca da felicidade exigirá um estado de permanente entusiasmo para com o outro. Uma senhora, num grupo de família, refletindo sobre o amor conjugal, disse: “Procuro cultivar tudo o que possa atrair e me aproximar do meu esposo”.

Ter uma vida desarmada, sem tensões, faz com que o casal cresça no amor. O sentido da vida está na busca da felicidade. É uma condição humana, é uma aspiração de todos: ser feliz. Quando um homem e uma mulher resolvem pôr a vida em comum, quando resolvem realizar o casamento, forma-se um grupo conjugal. Forma-se um novo ser: o nós. A partir daí, deve haver um agir conjugal também.

A sexualidade, no casamento, pressupõe uma vida afetiva e de prazer, porque o amor não está dissociado do prazer. O mal é o prazer sem amor e sem respeito pela pessoa.



## Planejar a família, desejando os filhos

No livro do Gênesis Deus disse: “Não convém ao homem ficar sozinho”. E criou de início o homem como varão e a mulher. Abençoou o varão e a mulher dizendo: “Crescei e multiplicai-vos” (Gên. 1 e 2).

Mas o matrimônio, porém, não foi apenas para o fim da procriação. Os filhos, muitas vezes tão desejados, faltam, continua o matrimônio como íntima comunhão de toda a vida, conservando seus valores.

Antigamente, os filhos nasciam um após o outro, sem serem desejados pelo casal.

Há bem pouco tempo, conheci um casal que passava por um momento complicado de sua vida conjugal. A esposa estava revoltada, achando que o casamento para ela servia apenas para ter filhos. No final de cada ato conjugal, ambos se sentiam frustrados. A esposa entregava-se de má vontade e, sempre, com o temor de ficar grávida. Achava que deveria controlar o número de nascimento, mas não sabia como fazer. A insatisfação constante de ambos, facilmente, degenerava em brigas e em atritos que pioravam ainda mais a situação.

A procura de métodos para se evitar filhos mobiliza a atenção de cientistas do mundo todo.

Não faz muito, foi divulgado em Paris a mais recente descoberta nesse campo: a pílula que interrompe a gestação, fazendo com que a mulher, sem dor ou hemorragia, expulsa o embrião. Pode ser utilizado até a sétima semana de gravidez e sua eficácia é de 100%. Não deixa de ser um método abortivo.

A pílula anticoncepcional, embora recomendada por muitos médicos, por uma questão de praticidade, a verdade é que a grande maioria dos profissionais, que se prezam, continuam alertando a população para os graves e, muitas vezes, irreversíveis problemas que o



uso contínuo, e sem controle, pode causar. Muitas mulheres, depois do uso prolongado da pílula, precisam ficar em tratamento. É comum ouvir que as mulheres que fazem uso da pílula estão sujeitas a problemas de hipertensão arterial, manchas no rosto, obesidade, entre outras moléstias. São afirmações de especialistas no assunto, repetidas através dos meios de comunicação social.

A mulher que toma pílula anticoncepcional regularmente não ovula, isto é, não engravida. Para manter-se livre da possibilidade de fecundação, pelo espermatozoide, a mulher precisa tomar doses diárias de hormônios contidos nas pílulas. Se esquecer da droga por um dia, estará exposta ao risco de seu complicado mecanismo hormonal voltar à normalidade e liberar um óvulo.

O Dispositivo Intra-Uterino (DIU) uma peça de plástico, que também pode ser recoberto com cobre e que, colocado na cavidade uterina, provoca alterações químicas e mecânicas nessa área, impedindo a fecundação. Como a pílula, este método também impede da mulher fecundar.

A esterilização na mulher pode ser feita através da secção e ligadura das trompas e, no homem, é feita a vasectomia, através da qual se procede a secção e ligadura dos canais deferentes, impedindo o transporte dos espermatozoides, que fecundam o óvulo da mulher.

Os meios de comunicação social, seguidamente, trazem testemunhos contraditórios d mulheres que usaram o DIU. Algumas dizem que nunca tiveram problemas. Outras afirmam ter passado por complicações muito sérias. O que se sabe é que o uso do DIU exige um controle médico na sua colocação e certo comportamento também depois de colocado; mesmo assim, não está isento de complicações, além do ponto de vista moral e o respeito à vida, uma vez que o uso desse corpo estranho no organismo da mulher pode provocar ou causar microabortos.

Quanto ao método de esterilização pela laqueadura e vasectomia, constata-se um caminho irreversível, sem retorno. É um método drástico, embora a limitação de filhos, pela ligadura de trompas,



seja o preferido das mulheres de mais de 30 anos de idade e que já tiveram dois ou mais filhos.

Num país como o Brasil, onde a maioria da população não tem acesso à cultura, não recebe atendimento adequado nem nos casos graves de doença, as mulheres brasileiras não têm condições de serem acompanhadas pelos profissionais da medicina quando fazem uso deste ou aquele método artificial.

Uma coisa já foi comprovada: o uso da pílula anticoncepcional faz mal à saúde da mulher e a Organização Mundial da Saúde, que para o controle da natalidade só adotava os métodos contraceptivos, hoje, se utiliza de métodos naturais.

A pílula não pode ser olhada apenas do ponto de vista médico, mas na sua relação com o universo social, familiar e psíquico da mulher que ingere, porque produz modificações no seu organismo.

“Se eu fosse mulher, não tomaria a pílula”, afirma um dos grandes mestres da ginecologia obstétrica mundial, o professor francês Jacques Salat- Baroux, falando sobre o complexo caminho da contracepção. E conclui: “Infelizmente, ela se revelou muito mais nociva do que se acreditava”.

Entre os métodos que evitam a concepção, isto é, que evitam a gravidez, há o método natural, que consiste em evitar a relação sexual no período em que se estende dias antes e dias depois da ovulação, que ocorre, em geral, no 14º dia do ciclo menstrual.

O método Billings dá uma eficácia teórica de 99,7% e sua eficácia uso entre 53 a 99,7%. A eficácia teórica é baseada no uso perfeito do método, e a eficácia uso leva em conta as incorreções e descuidos na utilização, segundo os profissionais da área.

Desde 1952 o Dr. John Billings e sua esposa, ambos médicos, vinham realizando pesquisas, na Austrália, sobre o controle da natalidade baseado nos sintomas indicativos do período de ovulação.

Hoje, depois de muitos estudos e experiências, chegou-se à conclusão de que todas as mulheres têm condições de reconhecer esses sintomas. “O indicador seguro da fertilidade”, diz o Dr. Billings, “é a presença do sintoma mucoso, quando esse se assemelha à clara de ovo, sendo claro, pegajoso e escorregadio”. Esse sintoma verifica-se cerca de um dia antes da ovulação e o ápice determina o ponto máximo da fertilidade.

É muito importante que a mulher aprenda a fazer essa observação e que o marido acompanhe, também. O método natural não prejudica ninguém. Quando bem utilizado, tem segurança, conforme já foi cientificamente comprovado.

É um método em que todos sentem-se felizes, sem medos, nem traumas. Muitos casais já descobriram uma dimensão nova na maneira de amar.



## A difícil educação dos filhos

Quase todos os pais têm dificuldades muito grandes na convivência com os filhos. Muitos pais, os que podem, lêem livros e revistas sobre Educação e Psicologia, mas nenhum deles dá a fórmula mágica. E na hora que os problemas aparecem não sabem resolvê-los, não sabem como solucioná-los.

Embora queiramos ser um pai ou uma mãe moderna, vive-se pensando ou dizendo: “no meu tempo não era assim... a gente obedecia aos pais... nunca fumei perto de meu pai... nunca o contradisse... Agora, tudo está mudado. Não entendo mais nada...”

Às vezes ficamos quase escandalizados ao vermos a liberdade de expressão de nossos filhos, o modo de se vestir e de se comportar. Principalmente com as perguntas que fazem. A mãe às vezes só pensa: “só soube destas coisas depois que casei... e agora falam abertamente rapazes e moças...” Mas não tem coragem de conversar com suas filhas, acha que perderia sua autoridade.

As ordens do pai, muitas vezes, são consideradas “quadradas” e nem sempre obedecidas. Os pais às vezes conversam a respeito, mas não sabem explicar em que seus filhos estão errados. Chegam muitas vezes a esta conclusão: “nossos filhos estudam tanto e aprendem tanta coisa que nós não aprendemos. O melhor mesmo é calar a boca...”

“Um filho sábio ama a disciplina, mas o incorrigível não aceita repreensão” (Provérbio 13).

O livro dos Provérbios ainda nos ensina: “Corrige teu filho, enquanto há esperança, mas não te enfureças até fazê-lo perecer”. É dever dos pais ensinar-lhes, pouco a pouco, sobretudo pelo exemplo. Importa, além disso, educarmos as crianças e jovens a ultrapassarem as barreiras da família e abrirem o espírito para a comunidade. Os pais devem ter cuidado de estabelecer com os filhos um diálogo amigável, a fim



de permitir a ambas as partes a superação das distâncias da idade. Precisam se conhecer mutuamente e comunicar-se uns aos outros as riquezas que a cada qual são próprias.

Existem pessoas que por nada, fazem uma “tempestade num copo de água”. Outras enfrentam as maiores dificuldades com segurança e maturidade. Entre estes dois pólos, está a agressividade. Energia construtiva ou destrutiva?

A revista “Família Cristã” entrevistou a psicóloga clínica Joana de Barros da Costa sobre o assunto e ela explicou assim: “A agressividade, comum ao homem e aos animais, é o impulso biológico de ataque e defesa, uma força interior necessária à vida, que poderá tornar-se construtiva ou destrutiva, dependendo do tratamento que lhe for dado...”

Desde os primeiros dias de vida, a criança começa a revelar sua agressividade. Os pais que prestam bem atenção no desenvolvimento dos filhos, percebem a diferença quando a criança chora porque algo lhe desagradou, quando está com fome, se necessita de alguma coisa ou sente dor...

Se não for dada à criança atenção, em suas manifestações, o choro vai tomando forma de agressão negativa. Tal criança aprende que para conseguir alguma coisa ou se livrar de algo que lhe incomoda, chora, berra. Tudo o que sabe fazer é espernear. Quando ficar adulto, certamente, irá gritar, berrar e até esmurrar as paredes.

Quando os pais orientam bem a agressividade, a criança, mesmo que ainda não fale por palavras, manifesta suas reações ante os acontecimentos através de gestos, como, por exemplo: um meneio de cabeça para concordar ou discordar.

Quando, porém, os pais usam uma educação altamente repressora, proibitiva em tudo, favorecem para que a energia vital da criança seja externada de forma negativa.

O fato da criança, desde pequenina, se acostumar a assistir na TV a constantes cenas de violência também é prejudicial. Para ela, tratar



seus semelhantes com violência torna-se a coisa mais natural. Afinal, foi assim que aprendeu através do vídeo.

É melhor para as crianças ter a oportunidade de viver, correr, brincar, ser livre, criar seu próprio espaço, do que ficar plantada, horas, na frente de uma televisão, assistindo cenas de violência.

A sociedade procura afastar o homem de sua essência ensinando-o a “ter” e não a “ser”. Quase impotente, diante dessa luta desigual, a família só tem uma arma para lutar: o amor, chamado para a vida.

O filho adolescente, pela turbulência da idade, está passível de se agarrar a qualquer suporte que lhe pareça seguro. Diz um psicólogo que muitas vezes o “não” é uma prova de amor e “o não sei” é uma das respostas mais sabidas que uma pessoa pode dar, porque é desprovida de prepotência. Nesse momento, os pais deixam claro para o filho que são seres humanos e se dispõem a serem amigos.

Ser amigo talvez seja a reinvidicação principal dos jovens em relação aos pais.

“A gente tenta esquecer o que acontece na família. Se vejo meu pai brigar com minha mãe, procuro uma droga e esqueço” (depoimento de um jovem em tratamento).

“Temos de nos abaixar para conversar com as crianças”, colocando-nos no mesmo nível, diz a sabedoria popular. Os pais não podem esperar que os filhos os compreendam, que tenham uma conduta madura, porque eles ainda não experimentaram a maturidade.

Existem famílias que não querem saber o que o filho fala, não desejam se aproximar porque o filho é um problema. Da mesma maneira que uma família pode retirar um filho do mundo das drogas, ela pode empurrar.

A adolescência é a fase intermediária entre a infância e a idade adulta. Não quer mais brincar com as crianças e estas não o tem como





companheiro. Quer fazer coisas próprias dos adultos, como chegar tarde em casa, fumar, beber, mas os adultos reprovam.

O jovem é um problema mesmo? Alguns estudiosos do assunto tentaram explicar o fenômeno da delinquência juvenil como resultado da miséria e da pobreza. Em decorrência disso, segundo eles, os jovens seriam levados à prática de atos criminosos para sobreviver. É o caso dos menores assaltantes. Não tendo estudo, nem competência para o trabalho, tornam-se “profissionais”.

Mas já está provado que o mesmo índice de delinquência se encontra nas classes abastadas, onde o jovem estuda e tem dinheiro.

Um psicólogo clínico explica que uma das causas é que “a vida moderna separa os filhos dos pais”. Trabalho, prazeres, brigas, separações são elementos que podem fazer com que o jovem cresça sem a presença de quem poderia guiar. E se desvia.

No entanto, mesmo tendo pais ótimos, as influências recebidas fora do lar podem levar o jovem a trocar os valores adquiridos em casa por valores aprendidos na rua. A casa não é a única influência. Por exemplo: uma criança, de 12 anos ou 13 anos, às vezes é forçada a fumar por pessoas já iniciadas e instruídas na arte da corrupção que sabem, perfeitamente, como conseguir novos fumantes ou usuários desta ou aquela droga.

A adolescência é a idade da amizade. Precisa perguntar e, às vezes, tem vergonha, tem necessidade de orientação e não encontra quem o escute e entenda. Quer os privilégios, mas não quer assumir as responsabilidades. O que fazer? O filho adolescente deve ser levado, gradativamente, a compreender que todo o direito implica num dever e que não há privilégios gratuitos. Erram os pais que cercam os filhos de regalias.

Discutir com os pais é uma atitude normal do jovem. Quando os pais procuram encontrar a verdade juntos e não o de “eu sei tudo e você não sabe nada”, ou “vou provar que você está errado”, fazem com que os

adolescentes respondam com agressividade. Tanto o filho aprende com os pais, como os pais aprendem com o filho.

O problema de educação dos filhos adolescentes é uma questão de relacionamento. Não se deve perguntar “onde errei” ou “onde ele errou” mas “onde nosso relacionamento está falho”.

Uma coisa é certa: uma infância sadia favorece a prevenção de problemas futuros. Portanto, demos mais atenção às nossas crianças para termos adolescentes saudáveis.

Não recebemos somente a carga genética como herança familiar mas também muitas lembranças, emoções, tradições... transmitidas de uma geração para outra, através da conversa em família, das fotografias, relíquias guardadas com carinho. De vez em quando, é bom se reunir para desfrutar com os filhos esses momentos. Isso fortalece o grupo familiar, alivia as tensões e enriquece nossas vidas.

Os filhos de casais separados, certamente, são um dos mais sérios problemas para um Juiz da Vara de Família, em consequência das intransigências mútuas que ocorrem entre os cônjuges.

A lei do divórcio procura proteger os filhos. No entanto, o ódio, que muitas vezes separa o casal, torna insensível um ou outro. Quando o casal se separa mas permanece amigo, não há problemas.

Neste caso, o cônjuge distante dos filhos, geralmente o pai, visita-os com frequência e facilidade, num ambiente positivo e favorável. Esta é a situação ideal.

O nascedouro dos problemas na relação é que cada um quer fazer os seus direitos prevalecerem, não interessando os direitos dos filhos. Os pais, muitas vezes, são egocêntricos, egoístas, e, por isso, os filhos caem vítimas da incapacidade de dialogar. Mas o problema se agrava quando os pais estão inimizados.

Em consequência desse ambiente tenso, as crianças tornam-se naturalmente rebeldes, pois falta afeto. Mais tarde, na adolescência, essa

falta de afeto poderá manifestar em forma de ódio, em relação ao pai ou à mãe. Quando há ódio, um procura eliminar a imagem do outro. Aí a criança vai começar a desconhecer um deles. Essa atitude é muito grave, pois a imagem do pai e da mãe não pode ser tirada da criança. São coisas sagradas.

Outra agressão, às vezes demonstradas pelos pais, é o abandono material. Sonegam informações sobre as rendas, com o objetivo de diminuir o montante a ser pago ao responsável pela guarda dos filhos.

A atual lei do divórcio, sobre esse assunto, modificou o antigo enfoque que obriga somente o homem a pagar pensão... Hoje a mulher está também obrigada a sustentar os filhos, reflexo da própria situação da mulher na sociedade.

A separação de um casal tem repercussões sobre os filhos.

A rigor, qualquer perturbação do bem-estar do casal é percebida pela criança e isso lhe desperta apreensão. Muitos pais acreditam que os filhos só percebem o que se passa entre eles quando lhe é comunicado intencionalmente, menosprezando a capacidade das pessoas de sentirem as alterações emocionais da unidade familiar da qual participam.



## Oração do pai contemporâneo

“Cheguei perto do meu amigo que orava em voz baixa. De olhos fechados, ele não me viu. Ouvi, guardei na memória e reproduzo:

“Dai-me, meu Deus, a luz da Vossa inspiração. Quero educar meus filhos para a ternura, a tolerância e a compreensão do próximo. Assim tenho feito. Mas por que os ternos e os doces acabam raros, estranhos, quase marginais, sem chance de fazer ou criar, na dura competição da vida?

Às vezes, meu Pai, penso em não interferir. Em deixar que o que há neles de seu, de atávico, de hereditário e de intransferível, vá lhes ensinando. Mas eu venho de um tempo em que ficou moda deixar a criança entregue a si mesma “para não frustrar”. Depois vi esses meninos “sem frustração” crescidos, afundando-se na mais completa desagregação, berrando sua solidão e o “me protege, pai”, “me protege, mãe”, disfarçado em agressividade, autodestruição e negação sem afirmação compensatória.

Será que a educação dos meus pais, aquela durona, do “não pode”, “não deve”, “é pecado”, “eu não quero”, “você vai ser igual a mim”, “vai seguir minha carreira”, será que essa é certa? Mas a quantos, Senhor, vindos desta, vi resvalar na vala da amargura, da vida não vivida, da revolta sem remédio.

Eu gostaria de falar-lhe só de amor possível, da importância do sentimento do outro, da capacidade de ver e sentir o próximo, como aprendi nos livros e nos mestres e sempre tentei fazer sem conseguir. Mas não estarei formando um puro, mais uma vez neste mundo?

Posso acentuar o senso de justiça que nele vejo inato, desde pequenino. Mas não estarei formando um suicida?



## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento

Posso ensinar-lhe as mil regras do bom-senso, da capacidade de compreender e ajustar-se. Mas ao formar um ajustado não estarei criando apenas mais um número na multidão de concordâncias cômodas?

E se o envio a um analista? Não estarei preparando um especialista em dúvidas? Alguém que compreende demais, a tudo e a todos, e não age nunca?

Quem sabe, meu Pai, limito-me a passar-lhe todos os meus valores de vida, aqueles que herdei de meus pais, e os outros que colhi sofrendo sozinho? Valerão algo num mundo que muda a casa dez anos mais do que todos os anteriores?

Se lhe digo o que penso, invado sua liberdade. Se nada lhe falo, peço por omissão. Se discuto, acabo impondo. Se impondo, esmago. Se calo, consinto. Se consinto, acabo perdendo-o e isto não saberei suportar.

Se lhe exijo estudo, sei que vou formar alguém que amanhã pode me perguntar por que tanta ciência se a vida natural é mais saudável.

Se o tiro do colégio, fico responsável por uma ignorância que o pode aterrar.

Dai-me, Senhor, a luz de um caminho, uma honesta opção para quem, como eu, sabe do mundo, conhece-lhe as esperanças, grandezas e também as curvas das emboscadas, alguém como eu que aspiro ao absoluto e aos valores nos quais, teimoso, não deixou de crer”.

E assim o meu amigo, homem aberto ao mundo e ao novo, disposto a examinar a vida sempre vendo todos os seus lados, expressava a Deus o desespero de sua honrada perplexidade.

E eu fiquei pensando que é muito mais fácil escolher um dos caminhos e ficar com ele, negando os demais. Mas acabei me perguntando se não é exatamente por isso que o homem vive em guerra...”

(Autor da Távola)



## Família educadora na fé

Até pouco tempo, educar na fé era uma missão especializada das pessoas com formação teológica. Os pais tinham pouco a ver com essa educação. A eles competia não atrapalhar, zelar pela frequência no culto, ensinar as primeiras orações... Isso era a base suficiente que os pais tinham por obrigação transmitir aos filhos.

Essa visão mudou muito. É a Igreja que afirma: “Uma das missões da família é educar os filhos na fé...” O Papa Paulo VI proclamou: “Os pais não só comunicam aos filhos o Evangelho, mas podem receber deles o mesmo Evangelho profundamente vivido...” “A família, como igreja, tem o dever de ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e onde o Evangelho irradia...”

De que família se trata? Da nossa ou de um tipo especial de família?

Desta forma, torna-se um desafio às famílias cristãs a necessidade de constante preparação, estudo, atualização e aprofundamento da fé que professam.

Mas existem muitas dificuldades para cumprir essa missão.

Primeiro, é que fomos catequizados dentro de um esquema dualista, isto é, os valores celestes estavam contrapostos aos valores terrestres. Por outro lado, os filhos vivem influenciados por um esquema de vida, não menos dualista, marcado pela exagerada importância dada aos valores terrestres.

Outra dificuldade é o pluralismo religioso. Os membros da família recebem hoje a influência de diversas religiões, sejam orientais, sejam seitas, convivem com ateus. Se a fé dos membros da família não for amadurecida, eles perceberão, perplexos a incapacidade de apresentar razões convincentes para as suas frágeis convicções.



As dificuldades estão também na forma deturpada de apresentar-se o Deus da Bíblia e de viver-se a relação com Ele. Os pais, às vezes, fabricam deuses à “imagem e semelhança do homem”, muito diferente do Deus Libertador do Êxodo, do Deus Criador, do Deus revelador de Jesus Cristo. Muitas vezes, na ânsia de ensinar as crianças, acabamos projetando um deus das nossas necessidades e desejos.

Muitos pais cristãos se sentem incapazes de transmitir a fé aos seus filhos, não obstante, muitas vezes, tenham tido a oportunidade de uma boa formação, através de adequada catequese, e vivam uma comunhão com a Igreja, com frequência assídua ao culto e mesmo engajados em atividades eclesiais.

Em suma, não sabemos como expressar nossa fé e torna-la significativa para os filhos e, muito menos, para as outras pessoas com quem convivemos e que poderiam ser receptivas ao anúncio da fé cristã.

Temos muita dificuldade em transmitir a fé aos nossos filhos porque ainda somos muito infantis em matéria de fé e religião, nos mantemos prisioneiros de objetos ou pessoas fora de Deus. Por exemplo: “ofereço-te isto para que me concedas aquilo”. É uma relação interesseira. A fé perdura enquanto os pedidos forem atendidos. Exigimos de Deus alguma recompensa. Somos infantis na fé quando no culto e nos atos litúrgicos manifestamos muita fé e aparente aceitação de Deus. Mas, no cotidiano, a nossa vida em nada se distingue das pessoas que não têm fé. É o que se pode chamar de fé não comprometida.

Não será esta a causa de fracassos de tantas famílias em seus esforços frustrados de exercer esta função de transmitir a fé?

Que perspectivas se abrem às famílias de hoje em rápidas transformações? Que responsabilidades nos cabem diante deste quadro?



## É difícil ser fiel no casamento?

Às vezes a gente ouve estas expressões: “Fidelidade já era”, “É coisa do passado...” “Os homens sempre foram mesmo infiéis, porque não podemos ter os mesmos direitos? Vou proclamar a minha independência!...” “Eu sei que ele não é fiel... mas é um bom marido”.

No passado, a idéia de infidelidade conjugal vinha sempre intimamente ligada ao adultério e sua aplicação prática se limitava à prática sexual extraconjugal. Dessa forma, o homem ou a mulher que não chegasse à atividade sexual, fora do casamento, considerava-se fiel. Sempre se deu o devido valor à fidelidade conjugal... da mulher! Quanto do homem...

No passado se pensava assim sobre a fidelidade conjugal: “Bem, afinal de contas, um homem é um homem”. A infidelidade da mulher era lavada com sangue, pois atingia a honra do marido. A recíproca nunca era verdadeira.

Hoje, já não há, com muita intensidade, essa dupla moral. Não se pode falar em uma crise moderna de fidelidade conjugal. Há, isto sim, mais livre abordagem do assunto. Amplia-se e aprofunda-se o entendimento d fidelidade como valor essencial do casamento.

A infidelidade conjugal não se restringe somente na prática extraconjugal. Hoje, difunde-se uma visão mais abrangente d infidelidade entendida como responsabilidades assumidas pelo amor que levou ao casamento. Tais responsabilidades não se limitam ao exclusivismo nas relações sexuais, mas ampliam em assumir, d modo livre e consciente, o bem global do parceiro, sua promoção como pessoa humana, sua realização plena como homem ou mulher.

A fidelidade conjugal é um ideal a ser perseguido, desde jovem. Inicia com o namoro e noivado e se prolonga pela vida toda. É um longo



processo de maturação. O adultério poderá ser uma das expressões da infidelidade, entendida em sentido mais amplo.

Diante dos incidentes do caminho em que foi os tropeços podem ocorrer, o mais importante será à disposição permanente para retomar a caminhada interrompida, compensar os recuos com a vontade de crescer e acelerar o processo de maturação que vai durar a vida toda.

A fidelidade conjugal já não se reduz apenas ao mandamento decorado nas aulas de catecismo: “Não desejar a mulher do próximo...”

A lei do divórcio cria um desafio sério: descobrir um estilo novo de vivência da fidelidade conjugal; um estilo que nos levará, no final, a entender a indissolubilidade, não aquela suportada porque imposta, mas amada e desejada.

Como é encarado nos programas de TV de maior audiência o valor da fidelidade? Como o encara os jovens de hoje?

Casamento é uma coisa muito séria. Não é uma aventura.

Quando duas pessoas se casam, esse ato se traduz numa aceitação. Significa considerar que essa pessoa tem valores. Indica que aceitamos suas atitudes, por mais que difiram das nossas.

Não é fácil aceitar a outra pessoa.

No casamento não devemos pretender que a outra, o outro seja perfeito. No casamento aceitamos a pessoa como ela é. Reconhecemos suas imperfeições sem procurar muda-las. Consiste em admitir o parceiro ou a parceira, assim como é, incluindo os seus erros.

Um dos fatores importantes do casamento é a tolerância. Ela é muito importante dentro do grupo familiar. É mais fácil aceitarmos quando temos a capacidade de tolerância. Quando uma pessoa do nosso relacionamento, profissional ou de amizade, nos causa aborrecimentos, nos irrita, podemos ignorá-lo ou, buscar outro amigo, mas não podemos ignorá-la se essa pessoa for a esposa ou o esposo, filho o outro membro da família, que por sua conduta, às vezes nos aborrece.



## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento

No casamento não estamos continuamente em condições de aceitar certos hábitos do cônjuge, como no caso os hábitos de beber, de usar certos palavrões... entre outros. É uma situação incômoda, que, no entanto, não é necessário haver hostilidade.

No casamento, durante toda a vida matrimonial, poderão surgir divergências pessoais, com as quais temos que aprender a conviver. Ninguém é perfeito, todos nós temos nossas imperfeições, nossos defeitos, que podem irritar nossa parceira, ou parceiro. Seria muito bom se ela conseguisse se encaixar às minhas idéias, ou vice-versa. Mas é muito difícil.

Quando nos casamos, assumimos a responsabilidade de querer a outra como ela é, respeitando, apreciando, a procura da mudança, para melhorar a convivência matrimonial.

Na família, são alarmantes os casos de pais que, em momentos de arrebatamentos de ira, ou ainda, por outras circunstâncias, espancam os filhos.

Por outro lado, há pais permissíveis que, para não provocar “traumas”, deixam os filhos fazerem o que bem entendem.

Firmeza com amor, é o de que mais necessitam os filhos menores para um desenvolvimento apropriado. Ameaças e insultos verbais constituem um conjunto de estímulos instigantes para as respostas agressivas. Existem pais que deixam a educação de seus filhos ser transmitida por outros. Muitos incumbem a escola ou mesmo a sociedade. Com pouca aproximação com os filhos, desligam-se deles e a televisão, muitas vezes, passa a ser um excelente professor: ela ensina a agredir. Há crianças que gastam mais tempo à frente da TV do que diante do professor, durante o ano.

Tanto o autoritarismo como a liberdade são maneiras ineficazes de tratar um filho.

Não se pode transferir a quem quer que seja a educação dos filhos. Ser pai ou ser mãe significa, antes de mais nada, ser babás,



## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento

educadores, disciplinadores, professores, contador de estórias, abertos, escutar antes de criticar, compreender antes de julgar e, quem sabe, ser antiquados, também.

Ser esposo, ser esposa, ser pai ou mãe não é fácil. Mas é gratificante para a vida.

Casamento é um compromisso com a vida.

Não é como uma laranja, que se chupa, enquanto é gostosa e, depois, joga-se fora.

O que os pais poderiam proporcionar de mais importante aos filhos? O amor, responderiam, certamente. Não se trata de grande quantidade de roupas caras, nem obrigatoriamente de uma casa confortável, nem mesmo de uma alimentação regular. Essas necessidades ganham importância maior quando decorrem, naturalmente, de um relacionamento emocional sadio e amoroso entre os cônjuges e estes com os filhos. Um relacionamento harmonioso entre os membros da família permitirá a todos um desenvolvimento sadio.



## Lugar onde se vive o amor

O amor é o que torna o ser humano pessoa.

O amor do esposo e da esposa é a fonte onde gera a vida e a salvação dos outros membros da família. O amor conjugal não termina no mundo do casal. Os filhos que nascem desse amor são um sinal visível do amor do Criador, Pai de todos nós.

A família, sendo uma comunidade de pessoas, tem como tarefa a de viver a comunhão. A comunhão familiar é o grande caminho a ser percorrido. É um caminho muito difícil, exige sacrifício, exige uma dose muito grande de perdão, de tolerância, de compreensão, disponibilidade e reconciliação. Os desacordos, as tensões, os conflitos, a intolerância agredem violentamente a comunhão, podendo levar o casal à separação e, em consequência, a destruturação da família.

Todos nós já enfrentamos as dificuldades de viver, no dia-a-dia, o inter-relacionamento pessoal do amor no interior do lar com as pessoas da nossa família. Muitas vezes tentamos dominar ao invés de amar.

Casamento é uma aliança entre duas pessoas. A essência dessa aliança é o amor, base fundamental do matrimônio. É nesse amor que se situa, fundamentalmente, o valor e a estabilidade de qualquer casamento.

“Sem amor a família não pode viver, crescer e aperfeiçoar-se”.  
(Famíliares Consortio).

“A família natural, monogâmica e estável, tal como os desígnios de Deus a conceberam e o cristianismo a santificou, deve continuar a ser esse lugar de encontro de várias gerações que reciprocamente se ajudam a alcançar uma sabedoria mais plena e a conciliar os direitos pessoais com outras exigências da vida social”. (Populorum Progressio).]

É na família que podemos encontrar a fonte da vida. É nela que começamos essa longa e tormentada caminhada da existência.



## Casamento: compromisso a longo prazo - Welci Nascimento

Na família a vida nasce e se extingue.

“Não sejamos tão precipitados”, diz Mac Luhan, falando na morte da família, “pode ser que ela esteja nascendo agora...”



## Índice de ilustração

Figura 1 - Manchetes de jornal.....	17
Figura 2 - Manchetes de jornal.....	18
Figura 3 - Manchetes de jornal.....	19
Figura 4 - Manchetes de jornal.....	20





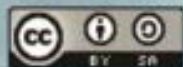


Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)







Porta

**Domínio Público**

Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto  
**Passo Fundo**  
cultura e cultura